

Envio matéria para vossas apreciações, já que se trata de um assunto delicado para alguns, deve ser tratado apenas como um ponto de vista sobre o assunto. Estou enviando, pois achei a Data oportuna, e porque considero infinitamente mais importante os ensinamentos desse Mestre do que outros fatos de sua vida terrena.

Fonte:

www.acasicos.com.br

A Vida Mística de Jesus

Será que Jesus nasceu realmente no dia 25 de dezembro como todos pensamos? Se não, quais seriam os motivos para a escolha de outra data? E o lugar de seu nascimento?

Esta página é dedicada ao livro "A Vida Mística de Jesus" e aos seus ensinamentos sobre nosso Grande Mestre.

Diversos outros livros sacros, que originalmente formavam a coleção de crônicas sagradas das quais os atuais textos da Bíblia foram extraídos, continham fatos e incidentes da vida de Jesus que não constavam dos livros selecionados e por essa razão foram expurgados. Esses textos assim postos de lado, constituem um volume separado e hoje em dia são consultados por um sem-número de autoridades eclesiásticas, devido à luz que lançam sobre muitos outros importantes "fatos da vida de Jesus e de Seus Apóstolos".

(Retirado do livro "A Vida Mística de Jesus" cap. XII, pág. 233)

Fatos não contados sobre a verdadeira história da Vida de Jesus:

A Data do Nascimento do Menino Jesus

Hoje, a data aceita mundialmente para as festividades natalinas, é 25 de dezembro. Mas nem sempre foi assim.

Nem mesmo os autores dos Evangelhos bíblicos estavam muito certos da data do nascimento de Jesus. Por exemplo, das declarações no Evangelho de São Mateus encontramos escrito que Jesus nasceu nos tempos do Rei Herodes, enquanto no Evangelho de São Lucas consta que Ele nascera quando Cirênio era governador da Síria, ou mais tarde. Estas duas declarações nos oferecem tema para discussão, pois o reinado de Herodes terminou em 4 a.C. e as autoridades bíblicas declaram que o governo de Cirênio foi de 4 a.C. a 1 a.C. e, posteriormente, a 6 A.C. Outro ponto controverso é a diferença em relação às datas em que se teria realizado o recenseamento de população realizado pelo Imperador romano Augusto, cujo ano é comumente aceito como o do nascimento de Jesus.

Portanto, seria muito difícil para qualquer pessoa elaborar um calendário capaz de dar a data certa do nascimento de Jesus. Até mesmo os Santos Patriarcas da Igreja bem como eminentes autoridades eclesiásticas, por muitos séculos, não conseguiram fixar com exatidão a data de seu nascimento. Os cristãos primitivos celebravam a

Natividade com um grande festival em maio, ou, por vezes, em abril e, em outras ocasiões em janeiro.

Algumas das mais antigas tradições da Igreja fixavam, em definitivo, o 20 de maio como a data certa, enquanto outras insistiam em fixá-la a 19 ou 20 de abril.

Hoje, nós já temos o apoio da Ciência para a confirmação dos dados apresentados. O astrônomo britânico Colin Humprey, professor da Universidade de Cambridge, afirmou em 1991 que a conhecida Estrela de Belém, registrada com absoluta precisão pelos antigos astrônomos chineses, teria sido um cometa. Baseando-se nos seus cálculos, o cometa teria passado pela órbita da Terra 5 anos antes do início da Era Cristã. Apoiando-se nos relatos bíblicos, Humprey concluiu que o nascimento de Jesus ocorreu em abril, provavelmente entre os dias 13 e 27.

É certo que, mesmo que seja comprovada a data exata de Seu nascimento, o 25 de dezembro deve continuar como a data oficial.

Bibliografia:

1. O Globo (01/11/1991);
2. A Vida Mística de Jesus, Biblioteca Rosacruz I pág. 211; Editora Renes - H. Spencer Lewis

O porquê do 25 de Dezembro

Um grande concílio foi realizado pela comunidade cristã no século V de nossa Era, para decidir em que data fixar este controverso acontecimento. Decidiu-se em fixar no dia 25 de dezembro, ou meia-noite do dia 24. Entretanto esta escolha não foi feita ao acaso. Vejamos então o por que:

Os Patriarcas e as superiores autoridades eclesiásticas, de quando em quando se reuniam em concílios para discutir e estabelecer as tradições, os dogmas, liturgias a serem seguidas pela teologia cristã, assim como suas doutrinas.

Não é por objetivo discutir os motivos os quais poderiam ter levado tais autoridades eclesiásticas a vir a deixar de lado e omitir os elementos então conhecidos das massas populares, bem como outros fatos, substituídos por falsidades simbólicas. O fato é que a fim de aproveitar muitas das antigas cerimônias místicas que os Patriarcas da Igreja copiaram dos templos do Egito e das doutrinas e práticas essênias e da Grande Fraternidade Branca, tiveram que inventar certas passagens e princípios relacionados à vida e obra de Jesus e adaptá-los às referidas cerimônias.

Fez-se necessário então, para consolidar uma nova teologia e firmar algumas novas doutrinas, ignorar e pôr de lado muitos dos fatos que tornariam suas decisões inconsistentes.

O primeiro ponto a ser avaliado seria a contradição existente em um dos pontos da crônica tradicional do nascimento de Jesus, onde é dito que ao nascer o Menino, estavam os pastores guardando seus rebanhos no campo.

Seria muito improvável que os pastores a que a Bíblia se refere, estivessem no campo cuidando de seus rebanhos no inverno. Nesta época do ano, afirmam os que conheciam as condições da Palestina à época, os pastores não ficavam no campo nem de dia nem de noite, e que este incidente foi introduzido à crônica de Seu

nascimento, quando era comumente aceita a versão de que Jesus viera ao mundo em abril ou maio. Por que então a escolha desta data?

O que os Patriarcas levaram em conta ao escolherem esta data, foi o conhecimento que através dos séculos precedentes, todos os Grandes Mestres ou Grandes Avatares nascidos de virgens (Jesus, como demonstrarei a seguir, não foi o primeiro nem o único) e que eram Filhos de Deus e considerados Salvadores ou Redentores, haviam nascido ou a 25 de dezembro, ou em data próxima.

Na Índia, este período já era comemorado muitos e muitos séculos antes da Era Cristã, na forma de um festival religioso, durante o qual o povo ornamentava suas casas com flores e as pessoas trocavam presentes com amigos e parentes.

Na China, também muitos séculos antes da Era Cristã, era celebrado o Solstício de Inverno, onde no dia 24 ou 25 de dezembro, fechava-se o comércio e tudo o mais. Assim como os antigos persas celebravam esplêndidas cerimônias em homenagem a Mitra, cujo nascimento ocorrera a 25 de dezembro.

Vários deuses egípcios nasceram no dia 25 de dezembro, e, em praticamente todas as histórias religiosas de povos antigos, iremos encontrar celebrações idênticas às referidas. Osíris, filho da santa virgem e deusa Nut, nasceu a 25 de dezembro, assim como os gregos também celebravam, nesta mesma data, o nascimento de Hércules. Como podemos ver, o dia 25 de dezembro vem sendo considerado um dia místico há muito tempo, e por muitos povos diferentes. A esse respeito temos as declarações do Reverendo Gross, autoridade no assunto e autor de diversas obras a esse respeito nas quais afirma que se realizava em Roma, antes da Era Cristã, no dia 25 de dezembro, uma festa com o nome de Natalis Solis Invicti (Natalício do Invencível Sol). A data era comemorada com espetáculos públicos e com muita alegria, fechando-se o comércio, adiando-se declarações de guerra e execuções, permutando presentes entre amigos e parentes e concedendo liberdade aos escravos.

Assim como o era na China, entre os primitivos germânicos, séculos antes do nascimento do Menino Jesus, era comemorado o Solstício de Inverno.

Entre os escandinavos, neste mesmo período, era comemorado o que se chamava Festa do Yule. O termo Yule ainda sobrevive, designando a véspera de Natal.

É interessante notar que o vocábulo Yule equivale ao francês Noel que por sua vez corresponde à palavra hebraica ou caldaica Nule. Notamos também a presença de celebrações no referente período entre os druidas na Grã-Bretanha e na Irlanda, e mesmo no antigo México.

Tertuliano, Patriarca da antiga Igreja Cristã, que tão diligentemente contribuiu com suas obras para a formação das doutrinas, dogmas e cerimônias do cristianismo, informa-nos, minuciosamente, como se >ornamentavam as portas "com guirlandas de flores e folhagens".

Tenham em mente que tudo aqui exposto, diferente do que possam a vir a pensar, era de conhecimento dos Patriarcas da Igreja e não estiveram ocultos durante os tempos iniciais do cristianismo e foram obtidos através de fontes fidedignas, ou seja, são fatos comprovadamente verdadeiros, obtidos através de documentos históricos e de época ¹.

Que fique registrado que não questiono os dogmas e ensinamentos da Santíssima Igreja nem tampouco os motivos que a levaram a tantas mudanças.

Entretanto, exponho aqui fatos os quais permaneceram na obscuridade por muito tempo. Àqueles que se interessem por um conhecimento mais profundo e místico, recomendo para que entrem em contato com alguma escola ou sistema que trate destes assuntos abertamente, consciente e completamente, sem preconceitos.

Sobre o tema aqui tratado, procurar-se-á em livros e em bibliotecas, pois os conhecimentos presentes não têm preço, nem devem ser vendidos.

Porém, àqueles que busquem mais sobre o assunto, devem procurar as sucursais da Grande Fraternidade Branca, espalhadas pelo mundo, ou as bibliotecas e livrarias da Ordem Rosacruz (ambas existentes séculos antes do nascimento do divino Mestre, as quais ainda contém documentos retratando a época).

Bibliografia:

1. A Vida Mística de Jesus, Biblioteca Rosacruz I – Editora Renes pág. 211; H. Spencer Lewis

O Lugar do Nascimento de Jesus

Qual a exata localização do nascimento de Jesus? Por muitos séculos este assunto vem sendo exaustivamente discutido e ainda hoje é motivo de polêmica entre as autoridades que estudam esse assunto.

Segundo o Evangelho de São Lucas, Maria deu à luz a seu filho em um estábulo, como demonstrado a seguir: "E deu à luz seu primogênito e O envolveu em panos, colocando-O numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem."

Mas parece que as declarações do Evangelho cristão de Mateus passaram, pelo menos aos olhos do público em geral, despercebidas, a respeito da afirmativa de Mateus no sentido que o menino Jesus nascera numa casa de Belém, ou segundo o texto: "E como Jesus houvesse nascido em Belém da Judéia, nos dias do Rei Herodes, eis que uns Magos vieram do Oriente a Jerusalém dizendo: ‘Onde está aquele que nasceu Rei dos Judeus?"

Pois vimos sua estrela no Oriente e viemos adorá-Lo; E quando entraram na casa, viram o menino com sua mãe Maria e, prostrando-se, O adoraram."

Havia ainda, nos primeiros tempos do cristianismo, uma terceira versão a respeito do local exato do nascimento de Jesus, bastante baseada em uma informação que não consta das atuais crônicas cristãs, já que estas foram modificadas com o passar dos tempos.

No Concílio de Nicéia, realizado no ano de 325, Eusébio, o primeiro historiador Eclesiástico, pois em debate o assunto referente ao lugar do nascimento de Jesus, determinado a pôr um fim definitivo às controvérsias.

Eusébio declarou que Jesus não havia nascido numa casa ou num estábulo, mas em uma caverna. Declarou ainda que no tempo de Constantino, do local da caverna, se havia construído um magnífico templo para que os cristãos pudessem venerar o local onde nascera o Salvador. No Evangelho apócrifo denominado Protevangelion, escrito por São Jaime, irmão de Jesus, encontramos uma referência à caverna, no seguinte e importante trecho: "Porém, de pronto, a nuvem se desfez em uma luz vivíssima na caverna, de modo que seus olhos a ela não puderam resistir".

Tertuliano, no ano 200, e São Jerônimo, no ano de 375, entre outros eminentes Patriarcas da Igreja Cristã, afirmaram que Jesus nasceu numa caverna e todos os pagãos da Palestina indicam, em sua terra, a caverna na qual nasceu o Infante cristão.

Por outra parte, o Cônego Farrar diz: "É tradição muito antiga que o verdadeiro lugar de nascimento do cristo foi uma caverna, e como tal era a todos mostrada, em sua época tão primitiva quanto a de Justino Mártir, no ano de 150."

Temos então que a afirmação do evangelista Mateus de que Jesus teria nascido em uma casa não foge muito da verdade, pois a caverna na qual vira a luz era muito mais do que uma simples escavação numa rocha.

Segundo as crônicas rosacruz e essênias, o filho de Maria e José nasceu em uma gruta essênia situada na estrada que demandava Belém.

Os essênios possuíam determinadas casas que serviam de albergue, hospital ou pousada, instaladas em grutas ou cavernas e esse tipo de grutas abunda em toda a Palestina, e terras adjacentes, pois nos primeiros tempos do Cristianismo, era melhor e mais seguro construir grutas do que edificações sobre o chão, sobretudo quando o objetivo era o isolamento, a proteção e a segurança.

O número de grutas existente na Palestina é muito grande e surpreende os turistas e muitas delas são suficientemente grandes para abrigar dez ou vinte aposentos muito amplos, num ambiente isento de umidade, calor ou frio.

Foi então, exatamente numa gruta essênia, que José e Maria descansaram e onde Jesus nasceu. Vários dos albergues ou hospedarias dos essênios eram equipados para atender aos enfermos, feridos e necessitados, como num verdadeiro hospital. Era tradição essênia, como ainda é dos Judeus, prestarem toda classe de auxílio às mulheres, no ato do parto. Cabe acrescentar que os albergues e as hospedarias dos essênios foram os precursores e o modelo dos hospitais, tal como hoje os conhecemos.

Mas e a manjedoura?

Em um dos famosos concílios cristãos, convocados pelos primeiros Padres da Santa Igreja, com o fim de dirimir controvérsias e firmar doutrinas, decidiu-se que a única maneira de pôr um paradeiro às querelas de onde Jesus nascera, seria o de declarar-se, pura e simplesmente, fora numa manjedoura. Esta decisão arbitrária, sem que se levasse em conta documentos autênticos que ainda existem, resolveu definitivamente o problema, no que dizia respeito à Santa Igreja, e por esta razão é provável que a história do nascimento ocorrido em uma pequena manjedoura permaneça, para sempre, como uma das mais caras tradições cristãs.

Estrela de Belém: Mito ou Realidade?

De acordo com a tradição cristã uma estrela muito brilhante cruzou os céus do Oriente espalhando a notícia do nascimento do Menino Jesus e guiou os Três Magos até o local de seu nascimento. Os Magos traziam consigo oferendas de ouro, incenso e mirra.

Teria uma estrela realmente guiado os Magos em sua jornada na época de Jesus? Era crença comum entre os Magos, os astrólogos, os caldeus e os místicos dos países orientais da antiguidade, que quando um cometa aparecia no firmamento era sinal de que estava para nascer um líder, ou grande Avatar, que se tornaria um Salvador ou Redentor da Humanidade.

Mas de onde viria esta crença?

Segundo as antigas crônicas essênias e rosacruz, quando o Divino Infante Krishna nasceu, também foi uma brilhante estrela que anunciou seu nascimento e os Magos, imediatamente, foram homenageá-lo e adorá-lo, levando-lhe sândalo e perfumes. Por ocasião do nascimento de Buda, uma grande estrela, que passou pelos céus, proclamou sua divindade e os sábios, de novo, foram visitá-lo em Seu lugar de nascimento, e renderam-lhe homenagens e ofereceram-lhe presentes.

O nascimento de Confúcio, em 551 a.C., foi anunciado por uma estrela muito grande, que percorreu os céus e foi observada pelos sábios, que encontraram o lugar do nascimento acompanhando o movimento do corpo celeste e, em lá chegando, tributaram homenagens ao recém-nascido. Análogas histórias são contadas a respeito de Mitra, o Salvador persa, Sócrates, Esculápio, Baco, Rômulo e inúmeros outros.

Convém ter em conta que a astrologia era uma ciência altamente desenvolvida pelos Magos e pelos místicos do Oriente, e que dela derivou a moderna Astronomia.

Os Magos a que a Bíblia se refere não eram precisamente astrólogos nem filósofos medianos e que também podiam ser pastores ou gente comum, mas sim, os sábios instrutores e altos representantes das grandes academias e escolas místicas do Oriente. Só se dava o título de Mago àqueles que houvessem recebido a iniciação superior nos mistérios da escola e demonstrado ser mestre em artes e ciências e ser misticamente evoluído.

Reis, potentados e pessoas cultas de todas as terras consultavam os Magos não só a respeito de questões de Astrologia, ou Astronomia, mas de História, Medicina, leis naturais, leis espirituais e inúmeros outros assuntos que exigiam profundidade de pensamento e extraordinária sabedoria.

Eram os grandes oráculos dos eruditos. Muitas vezes exerciam funções de conselheiros nas cortes e nos tribunais de última instância, em julgamentos de várias naturezas.

Por tudo isto, era muito natural que, àquela época, alguns Magos tivessem visto surgir a estrela e compreendido seu significado. Mas não devemos supor que tenham observado a estrela apenas umas poucas horas antes de Jesus nascer e que, às carreras, abandonaram seus santuários ou afazeres, a fim de rumar para o local onde ocorreria o nascimento, passando por muitas outras terras. De acordo com antigas crônicas essênias e rosacruz, ocorreram, como em outros casos análogos, aliás, que a estrela já vinha sendo observada durante alguns meses antes do nascimento do Divino Infante.

Durante várias semanas, anteriormente ao nascimento, cuidadosas tabulações foram feitas a respeito do movimento da estrela e a ocasião provável de seu significado

final. E aqueles que foram escolhidos pelas escolas místicas, para viajar até o lugar do nascimento e representar a Fraternidade Essênica e a Grande Fraternidade Branca, deram início à sua longa viagem até a Palestina, várias semanas antes do dia do nascimento.

Com tudo isso, devemos supor, como alguns céticos propõem, que este tenha sido um incidente fantástico introduzido no relato do nascimento de Jesus, apenas para torná-lo mais pitoresco, ou será que é apenas mais um mistério na história de nosso planeta?

Os "Primos" de Jesus

Ao contrário do que nos foi ensinado, Jesus não foi o único a "levantar do seio dos mortos, nem tão pouco o único a ascender aos céus".

Hoje sabemos, por meio de antigas crônicas, que os seguidores de Krishna também acreditavam que este ascendeu aos céus, assim como Jesus.

Nessas crônicas, vemos que Krishna foi envolto em uma intensa e brilhante luz e assim retornou aos céus.

Em outras crônicas, vemos que na última aparição de Budha sobre uma rocha no alto de uma montanha, cercado pelos seus seguidores, uma intensa luz o envolveu e ele desapareceu, em seu meio.

Encontramos ainda em escritos pré-cristãos, que Zoroastro, outro grande Avatar, também ascendeu aos céus, ao fim de sua missão terrena.

Muitos séculos antes da Era Cristã, os egípcios já celebravam a ressurreição e ascensão de Adonis. Em 412 d.C., ainda era realizada em Alexandria, berço do Cristianismo, e em Antioquia, a antiga capital dos reis gregos da Síria, ao tempo do Imperador Juliano, de 361 a 363 d.C., uma festa em homenagem a Adonis.

Em Israel, Adonis era conhecido com o nome hebreu de Tamuz. Os israelitas haviam lhe dedicado um altar com o seu nome, no Templo do Senhor, em Jerusalém.

Existem registros de pelo menos vinte outros antigos Avatares que levantaram dos seios dos mortos e ascenderam aos céus.

Se Jesus não foi o primeiro, terá Ele sido o último? Se não, quando o próximo grande Avatar virá para nos salvar?

O Mistério da Ressurreição

Teria realmente os legionários que vigiavam a tumba de Jesus abandonado deliberadamente seu posto por causa de uma tempestade?

Teria realmente havido uma tempestade?

É engraçado como este assunto é muito pouco debatido pelas autoridades que estudam a vida do Mestre ao mesmo tempo em que se torna tão intrigante na medida em que descobrimos alguns fatos:

O apeleamento ou castigatio era uma execução solene, que se aplicava não somente a soldados como também a oficiais. Incorriam nela tantos quantos abandonassem seu posto de guarda, os que se entregavam à pilhagem em casas e povoações, os que se insubordinavam aos chefes, os homicidas, os ladrões, os que perdiam suas armas, os

que reincidiam pela terceira vez em uma falta, os que atentavam contra o pudor e os que eram responsáveis por negligência em seu posto de guarda noturno. Quanto a esta última falta, era considerado um dos piores delitos.

A sentença se dava após um conselho sumaríssimo entre os tribunos e os soldados e poderia acabar em morte.

Seria possível então que os legionários que vigiavam a tumba de Jesus abandonassem a guarda arriscando suas próprias vidas por conta de uma tempestade?

Volto à pergunta: teria realmente havido uma tempestade?

Consta que os sinedristas (membros do Sinédrio, ou sacerdotes), ao tomarem conhecimento que o corpo de Jesus havia sido reclamado pelos seus amigos e familiares, após a celebração da ceia de Páscoa, teriam se reunido na casa de Caifás para discutir a profecia feita por Jesus, de ressuscitar ao terceiro dia. Não que acreditassem nas palavras de Jesus, mas temiam que seus seguidores "roubassem" Seu corpo e então dessem a entender que Ele havia ressuscitado.

Decidiram então por pedir a Pôncio Pilatos que lhes fornecesse alguns homens para se colocarem à frente da tumba pelo menos até o final do terceiro dia, para se certificarem de que ninguém tentaria levar o corpo de Jesus.

Pelo que consta, Pilatos cedeu à pressão dos membros do Sinédrio e forneceu dez guardas para vigiar a tumba. Não satisfeitos, os sacerdotes teriam ainda enviado um grupo de dez dos seus para complementar a vigia.

Abro aqui um parêntese para comentar sobre esta tumba. Os criminosos quando crucificados, eram jogados em uma vala comum, no Geena ou "inferno", como era chamada uma região onde perambulavam mendigos e onde queimavam o lixo da cidade.

Ali, eram deixados para serem devorados por cães e ratos. Porém, a lei permitia que seu corpo fosse reclamado por amigos ou parentes, os quais poderiam então enterrar a vítima em uma tumba particular ou em terras da família. Cabe lembrar que os crucificados não podiam ser enterrados em cemitérios judeus nem dentro da Cidade Santa.

O corpo de Jesus teria sido então reclamado por José de Arimatéia (membro do Sinédrio e amigo e seguidor dos ensinamentos de Jesus) à Pilatos que como era de costume, aceitou o pedido. Foi levado então à sua casa, no Monte das Oliveiras, onde teria sido deixado em uma tumba dentro de suas terras.

O Que Teria Acontecido Aquela Noite?

A história da vida deste Mestre é cheia de fatos interessantes que os estudiosos insistem em esquecer, ou ignorar;

Consta que na madrugada de domingo, os legionários e sinedristas acampados à frente da tumba do Filho do Homem sentiram dois ou três tremores ou vibrações seguidos de um terrível "zumbido". Segundos depois, ouviram um barulho como se a louça que cerrava a entrada da tumba de Jesus estivesse sendo removida. Mas como? Segundo estes legionários, a louça se movia sozinha, como se uma força misteriosa a estivesse abrindo. Neste momento, os membros do sinédrio teriam fugido

apavorados. Os legionários, no entanto, ficaram. Foi quando uma luz muito forte e brilhante saiu de dentro da tumba e inundou o ambiente. Os legionários teriam então visto o Mestre da Galiléia retornar à vida, escoltado por figuras misteriosas;

A Morte de Jesus

No evangelho de São Lucas, encontramos um dos aspectos mais relevantes a respeito da Crucificação e que é narrado, igualmente, em outras crônicas antigas, mas que com frequência, não é levado na devida conta pelos exegetas da Bíblia: apesar de ser costume quebrar os ossos do corpo dos crucificados e fazê-los pender da cruz por vários dias, para que não houvesse qualquer possibilidade de sobrevivência, o corpo de Jesus foi retirado da cruz sem que seus ossos fossem quebrados.

O que houve não pode ser posto à causa de um descuido dos soldados, pois estavam acostumados a fazer ao longo dos anos. Por esta razão, não podemos acreditar que se esquecessem de quebrar os ossos de Jesus.

A Versão dos Evangelhos

De onde teria vindo a nossa crença que Jesus teria "morrido" na cruz?

Se observar-mos os Evangelhos, nenhum deles, nem o de Matheus, nem o de Marcos, nem o de Lucas, nem o de João afirmam - como fruto da observação de cada um destes discípulos, que Jesus morreu na cruz ou que já estava morto quando O removeram da cruz e O puseram na tumba.

No Evangelho de São João (XIX:33) está dito que os soldados acreditaram que Jesus estivesse morto, porém São João não faz nenhuma afirmação em seu próprio nome e quando, mais adiante, menciona a lança enfiada no corpo de Jesus, não há motivos para não acreditar que se tratasse de uma ferida superficial. Por outro lado, o fato de sangue e água jorrarem de sua ferida, pode indicar que Ele ainda estava vivo. Porém, não há como se ter a mais absoluta certeza pois a forma como o corpo dos crucificados pendia, fazia com que o sangue se acumulasse nas extremidades inferiores e também que líquidos se acumulassem nos pulmões. Se o soldado que perfurou seu corpo com a lança (para se certificar se ainda estava vivo(?)) atingiu um dos pulmões, é bem provável que "sangue e água" jorrassem de sua ferida.

O Credo dos Apóstolos,

Neste Credo, comumente usado por todas as igrejas cristãs, há uma afirmação segundo a qual Jesus sofreu e morreu na cruz e é crença geral que as declarações contidas nesta obra foram extraídas de outras, formuladas pelos Apóstolos. A verdade, porém, é que a atual versão do Credo dos Apóstolos passou por inúmeras modificações ou alterações, no curso dos séculos após a Crucificação, durante os inúmeros altos concílios da Santa Igreja.

No Evangelho de São Lucas (XXIV:5) se pergunta àqueles que buscam Jesus: "Por que procurai entre os mortos aquele que vive?".

Não há, igualmente nos primeiros textos do referido Credo, nem tampouco nas atas das reuniões havidas nos concílios da Igreja, que os alteraram no curso dos séculos, nada que testemunhe tenha Jesus morrido na cruz ou no sepulcro, imediatamente após a Crucificação.

A própria Enciclopédia Católica admite que várias altas autoridades hajam afirmado que o referido Credo não foi composto senão na segunda metade do século V de nossa Era e que não passa da mais pura lenda, forjada no curso do século VI, a suposta elaboração do Credo dos Apóstolos, no dia de Pentecostes.

Com base nestas afirmações, talvez devêssemos reavaliar a crença de que Jesus teria morrido na cruz.

As Relíquias da Paixão de Cristo

Como sabem os católicos, assim como todos aqueles interessados na vida e obra de nosso Avatar Jesus, existe um grande número de relíquias relacionadas à paixão de Cristo espalhadas pelo mundo. Número este que chega à casa do milhar.

Qualquer um que tenha uma noção de Sua vida e da Sua Paixão pode intuir que este número é tão absurdo quanto impossível.

Na Basílica de Saint-Denis, em Argenteuil - ao norte de Paris, conserva-se por exemplo, uma suposta "túnica sagrada". E outro tanto ocorre na catedral de Trévaux. Com o devido respeito aos que crêem em ambas as túnicas, é pouco provável que uma delas possa ser a que usou o Mestre Jesus. Na primeira, não obstante as dimensões serem aceitáveis (1.45m de comprimento por 1.15m de largura) e não exibir costuras, o cânhamo nada tem a ver com a natureza das vestimentas usadas habitualmente pelos hebreus à época - que basicamente se utilizavam de algodão, lã e linho. Quanto à segunda, ainda é mais difícil de identificar. Trata-se de uma série de fragmentos de um tecido muito fino e pardacento, envolto e protegido das traças em dois panos. Um destes é de seda adamascada, fabricado possivelmente no Oriente, entre os séculos VI e IX.

Quanto aos cravos e à Cruz de Cristo, ocorre algo ainda mais berrante. Há uma tradição que conta que a Imperatriz Santa Helena desenterrou os cravos utilizados para prender O Cristo à Cruz no século IV.

Segundo esta lenda, a Imperatriz teria mandado confeccionar um freio para o cavalo de seu filho com um dos cravos (que se encontra hoje em Carpentras).

Com outro fez um círculo para o capacete de Constantino, e diz-se que este círculo faz parte hoje da coroa de ferro dos reis lombardos, em Monza.

O terceiro cravo teria servido para acalmar uma tempestade no mar Adriático... O caso é que na atualidade, em diversas igrejas da Europa, se veneram supostos cravos da Paixão de Cristo, totalizando dez (!) destes.

Surpreendente, se partirmos do suposto que eram quatro os cravos para prender os crucificados - um em cada pulso e um em cada pé. Outros se encontram em Veneza, Trévaux, Florença, Sena, Paris e em Arras.

O mesmo ocorre com respeito à madeira da Cruz de Jesus. Existem pedaços da Cruz de praticamente todos os tamanhos. Todas é claro, extraídas da verdadeira Cruz.

Talvez o maior fragmento seja o que se encontra na Espanha - em São Toríbio de

Liébana, na província de Santarém, ao norte. A tradição afirma que este lignum crucis foi levado de Jerusalém por São Toríbio, bispo de Astorga, na Espanha, e contemporâneo de São Leão I, o Grande. Sua autenticidade nunca foi comprovada... Se pararmos para pensar sobre esta tradição, veremos que tende ao absurdo imaginar que os soldados perdessem seu tempo enterrando os cravos e as cruzes utilizados em cada execução, como pretendem alguns exegetas em defesa da história da mencionada mãe do Imperador Constantino. De fato, é mais provável que as cruzes e os próprios cravos fossem re-utilizados em diversas execuções.

Particularmente, acho que isso é "providencial". Tenho comigo o sentimento que o Filho do Homem não queria - nem gostaria - que objetos Seus fossem venerados ao longo dos tempos. Jesus veio à Terra como um Mensageiro - Mensageiro da Paz e do Amor - e sofreu por nós. Infelizmente não estávamos preparados para receber e assimilar estas mensagens à época (e a pergunta fica: e se tudo acontecesse agora, será que estaríamos prontos?...).

Ao invés de ficarmos venerando objetos materiais que podem ou não ter pertencido a este Espírito Iluminado, devíamos única e exclusivamente nos preocupar em praticar seus ensinamentos.

Fonte:

www.acasicos.com.br